

## NARRATIVAS EM EDUCAÇÃO: RECONFIGURANDO A PRODUÇÃO DE CURRÍCULO NA ESCOLA

<sup>1</sup> Graça Regina Franco da Silva Reis  
<sup>2</sup> Jéssica Caroline Pereira da Silva Costa

Como citar este artículo:

Franco da Silva Reis, G. R. & Pereira da Silva Costa, J. C. (2020). Narrativas em educação: reconfigurando a produção de currículo na escola. *Rutas de formación: prácticas y experiencias*, 11, 43-47. <https://doi.org/10.23850/24631388.n11.2020.3808>

Fecha de recepción: 2 de abril de 2020 / Fecha de aprobación: 5 de mayo de 2020

### Resumo

Este texto traz nossas reflexões teórico-metodológicas sobre a pesquisa narrativa, compreendendo que esta é uma grande aliada na pesquisa com os currículos escolares e produção de conhecimento na escola. A pesquisa narrativa nos permite desinvisibilizar e legitimar as vozes emergentes no chão da escola, abrindo espaço para os saberes tecidos no cotidiano, por meio do que nos contam as/os professoras/es sobre suas práticas pedagógicas, por meio da conversa. Alinhada às escolhas epistêmico-teóricas assumidas nessa investigação, a conversa nos permite conhecer as experiências dos sujeitos que estão imersos nas escolas através das suas narrativas, evidenciando as práticas vividas no ambiente escolar e que, ao serem narradas e compartilhadas, podem potencializar a prática docente, transbordando outros currículos e outros conhecimentos.

**Palavras-chave:** pesquisa narrativa; cotidiano; produção curricular

## Narrativas en educación: reconfigurando la producción de currículo en la escuela

### Resumen

Este texto expone nuestras reflexiones teórico-metodológicas sobre la investigación narrativa, entendiendo que esta es un gran aliado en la investigación con los currículos escolares y la

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo ProPED/UERJ. É professora do Colégio de Aplicação (CAp) e do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: francodasilvareis@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro PPGE/UFRJ. E-mail: jessi\_kroline@hotmail.com

producción de conocimiento en la escuela. La investigación narrativa nos permite des-invisibilizar y legitimar las voces emergentes en el suelo de la escuela, dando cabida al conocimiento tejido en la vida cotidiana, a través de lo que los profesores nos cuentan sobre sus prácticas pedagógicas, por medio de la conversación. En línea con las elecciones epistémico-teóricas realizadas en esta investigación, la conversación nos permite conocer las vivencias de sujetos que se encuentran inmersos en las escuelas a través de sus narrativas, destacando las prácticas vividas en el ámbito escolar y que, al ser narradas y compartidas, pueden potenciar la práctica docente, redundando en otros planes de estudio y otros conocimientos.

**Palabras clave:** Investigación narrativa; cotidiano; producción curricular

## **Narratives in education: Reconfiguring curricula production at school**

### **Abstract**

This text exposes our theoretical-methodological reflections on narrative research, considered as a great ally in research with school curricula and knowledge production at school. Narrative research allows us to make visible and legitimize emerging voices born on the school floor, making room for knowledge woven into everyday life, through what teachers tell us about their pedagogical practices, through conversation. In line with the epistemic-theoretical choices made in this investigation, the conversation allows us to know the experiences of subjects who are immersed in schools through their narratives, highlighting the practices lived in the school environment and which, when narrated and shared, can enhance the teaching practice, producing other curricula and other knowledge.

**Keywords:** Narrative research; daily; curricula production

A pesquisa narrativa tem sido uma grande aliada na pesquisa com os currículos escolares e produção de conhecimento na escola, permitindo desinvisibilizar e legitimar vozes emergentes no chão da escola, abrindo espaço para os saberes tecidos no cotidiano, por meio do que nos contam as/os professoras/es sobre suas práticas pedagógicas. Nesse exercício narrativo – falar, escrever, ouvir –, todas/os as/os envolvidas/os no processo se (auto)formam.

Utilizamos, para isso, uma metodologia política-epistemológica que parte de critérios baseados em outras lógicas de fazer pesquisa que não as hegemônicas. Nesse sentido, nossos estudos apontam para a compreensão dos cotidianos escolares como espaços-tempos para além da ideia de repetição e reprodução, tendo as narrativas como relatos de autoria de produção curricular. O seu compartilhamento abre espaço para outras produções curriculares. Esta formação centrada na experiência é o que vimos denominando de (auto) formação.

Nosso objetivo tem sido o de desinvisibilizar experiências desperdiçadas por uma lógica monocultural e hegemônica (Santos, 2010) que está intrínseca na concepção moderna de escola. As narrativas proporcionam a possibilidade de compartilhar experiências e práticas curriculares locais legitimando dessa forma a produção dos diversos conhecimentos tecidos cotidianamente, constituindo saberes mais ecológicos. Temos consciência de que nem todas as experiências-praticadas (Reis, 2014) compartilhadas se traduzem em “realidades emancipatórias” (Oliveira, 2012), mas entendemos que “o conhecimento emancipação é um conhecimento local criado e disseminado através do discurso argumentativo e que só pode haver discurso argumentativo dentro de comunidades interpretativas” (Santos, 2010, p. 95). Por isso, entendemos a importância de sair do lugar das metanarrativas, que são somente uma idealização porque narram o que é pensado e não o que existe, propiciando espaços e tempos de narrativização das experiências-praticadas que intentam discutir e argumentar sobre os processos emancipatórios, criados e por criar.

Nesse sentido, a pesquisa que envolve as narrativas tem nos mostrado que há experiências curriculares diversas, formadoras e emancipatórias que não estão escritas nos documentos oficiais e nem nos manuais de ensino, pois as/o professoras/es estão longe de

consumirem passivamente o que lhes é apresentado como conteúdo a ser reproduzido. Estas/es são produtoras/es (Certeau, 1994) de currículos e conhecimentos, pois no interior das escolas, mesmo visivelmente invisíveis, estão a construir e reconstruir experiências, fazendo e refazendo a história, sem glórias, anonimamente (Prado, Morais e Araújo, 2011, p.59).

É necessário, então, desinvisibilizar essas produções narrativas e o seu compartilhamento é fundamental para exercitarmos o não desperdício de experiências proposto por Santos (2010) expandindo assim o presente e possibilitando a concretização de um futuro possível.

Para expandir o presente é necessário narrar a fim de multiplicar as experiências, pensando que estas são vividas por sujeitos sociais e singulares, “cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade, uma diferença que se mantém diferente” (Hardt e Negri, 2005, p. 139). Podemos pensar as narrativas como outra forma de viver o presente, atribuindo sentidos às experiências ao invés de desperdiçá-las, desconsiderando suas existências e validade (Campos e Reis, 2016, p. 112).

Os estudos de Santos (2006) são nossos fortes aliados pois nos ajudam a problematizar a crise do paradigma dominante e nos trazem a possibilidade de pensar sobre outras formas de tecermos os conhecimentos, denominados por ele como emergentes. Pensando localmente, como nos ensina o autor, acreditamos e apostamos que as pesquisas narrativas com os cotidianos são uma maneira de desinvisibilizar os saberes-fazer das/os professoras/es, muitas vezes, não vistos e não reconhecidos como produção de conhecimento.

### **A conversa como forma de produzir pesquisa**

De acordo com as escolhas epistêmico-teóricas assumidas por nós, temos optado por uma metodologia da conversa, coerente com a “complexidade constitutiva dos cotidianos, uma metodologia em que o instituído, atravessado pelas possibilidades de um cotidiano vivo, escapa às amarrações do já dado, abrindo-se às práticas constituintes” (Ribeiro, Sampaio e Souza, 2018, p. 22).

As conversas nos permitem conhecer as experiências dos sujeitos que estão imersos nas escolas através das suas narrativas. Para Clandinin e Connelly,

“experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela” (Clandinin e Connelly, 2015, p. 48).

Cada sujeito traz consigo suas individualidades e experiências, de modo que não podemos ocupar o lugar do outro, mas podemos ouvi-lo. É através das narrativas que temos a possibilidade de ouvir outras vozes, outras posições e versões de diferentes sujeitos e histórias. Para Walter Benjamin (*apud* Corsino, 2012) a linguagem é a “casa” das ideias (p.48), é por meio dela que nos expressamos e nos comunicamos com o mundo. A gente se constitui a partir da nossa interação com o outro, e essa relação só é possível através da linguagem, através do pensar junto e pensar no outro, a partir dessas experiências coletivas vamos nos alterando e nos constituindo individualmente. “Escutar é uma oferta de contrapalavras, e nossas palavras próprias são vozes de outros que carregamos como significações possíveis” (Oliveira, 2003, p. 4). O jornalista e escritor Eduardo Galeano em sua obra *O livro dos abraços* (2002) dedica-se a escrever sobre a necessidade que o ser humano possui de expressar-se, e a linguagem é um meio de estabelecer essa comunicação com o mundo:

*[...] quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada (Galeano, 2002, p. 15).*

A conversa, então, nos possibilita partilhar experiências e aprender com elas. Ao ouvir o outro nossa memória entra em ação. Suas narrativas nos remetem às nossas narrativas, e, com isso, temos a possibilidade de refletir sobre elas e partilhá-las também. Pensando a escola e tudo o que se passa nela, a partilha dessas experiências pode nos ajudar a pensar em soluções para questões que transbordam nos cotidianos. Assim, respostas, mesmo que provisórias podem ser desenhadas para os diferentes problemas e dilemas vividos, o que nos ajuda a compreender que as questões da escola devem ser conversadas e discutidas na escola, localmente, entre pares e que essa relação pode e deve ser ampliada e partilhada. Ou seja, a conversa como procedimento metodológico é também transbordamento, pois com ela nos relacionamos ouvindo, falando,

vendo, sentindo, percebendo o Outro que nos mobiliza com suas experiências, trazendo para a pesquisa muitos pontos de vista e modos outros de olhar e perceber o mundo.

### **O que temos aprendido com nossas experiências? O ponto final desse texto**

Boaventura (Santos, 2006) nos diz que estamos a viver uma crise de hegemonia. Para nós esta crise se dá como um momento propício para que, por meio das táticas que operam golpe por golpe, lance por lance, aproveitando das ocasiões (Certeau, 1994), possamos encontrar brechas e falhas nas conjunturas que vão se abrindo na vigilância do poder e assim ouvirmos professoras/es que no cotidiano produzem currículos dialogando com os diversos conhecimentos que circulam nas escolas, podendo produzir justiça cognitiva e, conseqüentemente, justiça social. Para que isso se concretize, precisamos enfrentar “os problemas relacionados às formas perversas de exclusão promovidas por uma estrutura escolar monocultural, classista e sexista, na qual são cognitivamente e socialmente ‘injustiçados’ alunos [professoras/es] e conhecimentos destoantes do padrão dominante” (Oliveira, 2012). Entendemos que ao desinvisibilizar o viver cotidiano por meio das narrativas, podemos validar aquilo que foge às regras e que é considerado desvio.

Ousamos dizer que, na perspectiva narrativa vivenciada por nós, nos aproximamos do narrador de Benjamin, “aquele que retira das experiências o que ele conta: sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências de seus ouvintes” (Benjamin *apud* Souza, 2006, p. 92), pois buscamos na narrativa de experiências práticas ouvir o outro como legítimo, entendendo que, nesse compartilhamento narrativo, podemos tecer currículos mais horizontais e democráticos.

Em nossas conversas, temos aprendido cotidianamente que os currículos são produzidos com cada turma de uma forma diferente. Ou seja, cada trabalho está carregado de autoria que, se compartilhada, pode abrir caminho para uma reflexão e para que outras/os professoras/es reinventem outras práticas e reflexões acerca do processo de aprender-ensinar.

Nesse processo todas/os têm a chance de se autoco-  
nhecer, pois “as palavras produzem sentido, criam rea-  
lidades e, às vezes, funcionam como potentes meca-  
nismos de subjetivação”. Além disso, aprendemos com  
Santos (2006) “que todo conhecimento é autoconhe-  
cimento”. Ele defende que os sentidos que atribuímos  
ao conhecimento estão tecidos em nossas histórias.  
Nossa trajetória de vida, crenças e valores, individuais  
e coletivos estão em tudo o que fazemos, não há como  
elaborarmos sentidos despidos de nós mesmos.

Na produção de conhecimento narrativo, temos perce-  
bido a possibilidade de “resgatar sonhos que precisam  
ser sonhados, através da prática de uma sociologia das  
ausências, que nos permite conhecer o que ainda não  
existe, numa realidade que sendo tão nossa nos escapa”  
(Pérez, 2003, p. 6). Ou seja, a prática narrativa ajuda a  
evidenciar outras práticas vividas nas escolas e que, ao  
serem intercambiadas, podem potencializar, transbor-  
dando novos currículos e novos conhecimentos.

## Referências

Clandinin, D. J y Connelly, F. M. (2015). *Pesquisa nar-  
rativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa*.  
2º Ed. EDUFU.

Campos, M. S. N. de, y Reis, G. R. F. da S. (2016). Con-  
versas entre professoras: currículos *pensadospratica-  
dos* e justiça cognitiva. *Práxis Educacional*, Vitória da  
Conquista, 12(21), 103-132. [http://periodicos.uesb.br/  
index.php/praxis/article/viewFile/5500/5281](http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/5500/5281)

Certeau, M. de (1994). *A invenção do cotidiano. 1. Artes  
de fazer*. Vozes.

Corsino, P. (Org.) (2012). *Educação Infantil cotidiano e  
políticas*. 1.ed. Autores Associados.

Galeano, E. (2002). *O livro dos abraços*. 9. ed. L&PM.

Hardt, M. y Negri, A. (2005). *Multidão: guerra e demo-  
cracia na era do império*. Tradução: Clóvis Marques.  
Record.

Oliveira, I. B. (2003). *Currículos Praticados – entre a re-  
gulação e a emancipação*. DP&A.

Reis, G. R. F. (2013). A narrativização das práticas como  
prática de liberdade. *Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.*,  
Juiz de Fora, 15(2).

Reis, G. R. F. da S. (2014). *Por uma outra Epistemolo-  
gia de Formação: conversas sobre um Projeto de Forma-  
ção de Professoras no Município de Queimados* (Tese de  
Doutorado). Doutorado em Educação, Universidade  
Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Oliveira, I. B. (2012) Contribuições de Boaventura de  
Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios  
emancipatórios e currículos *praticadospensados*. *Revis-  
ta e-curriculum*, São Paulo, 8(2). [http://revistas.pucsp.  
br/index.php/curriculum](http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum)

Pérez, C. L. V. (2003). O lugar da memória e a memória  
do lugar na formação de professores: a reinvenção da  
escola como uma comunidade investigativa. En AA.  
VV. *Reunião anual da ANPED* (26). [http://www.anped.  
org.br/reunioes/26/inicio.htm](http://www.anped.org.br/reunioes/26/inicio.htm)

Prado, G. de V. T.; Morais, J. y Araújo, M. (2011). Pro-  
cessos de (auto)formação docente no cotidiano da es-  
cola: horizontes de possibilidades. *Revista Profissão  
Docente*, Uberaba, 11(24), 53-67.

Ribeiro, T.; Souza, R. de y Sampaio, C. S. (2018). *Con-  
versa como metodologia de pesquisa: por que não?* Ayvu.

Santos, B. S. (2006). *Um discurso sobre as ciências*. 4. ed.  
Cortez.

Santos, B. S. (2010). Para além do Pensamento Abissal:  
das linhas globais a uma ecologia de saberes. En B. de  
S. Santos y M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologias do  
Sul* (pp. 31-83). Cortez.

Souza, E. C. (2006). *O conhecimento de si: estágio e nar-  
rativas de formação de professores*. DP&A.